



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

**HELEIETH I. B. SAFFIOTTI (1934-2010): CONTRIBUIÇÕES NORTEADORAS
PARA PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E INTREFAMILIAR
CONTRA A MULHER**

Maelly da Silva Veron;

maellyveron@hotmail.com; Mestrado em Sociologia; Bolsista UFGD/CAPEX

‘Amar o outro não constitui uma obrigação, mesmo porque o amor não nasce da imposição. Respeitar o outro, sim, constitui um dever do cidadão, seja este outro mulher, negro, pobre’. (SAFFIOTTI, 1995, p85)

RESUMO

Devido a relevância dos trabalhos científicos produzidos por Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010), e principalmente no que concerne as suas categorias norteadoras de suas pesquisas, se fez claro a necessidade de um artigo que discorresse sobre as propostas de conceituações e caminhos de pesquisa encontrados em pelo menos treze escritos encontrados em mãos. Este trabalho, portanto, contém análises sobre os conceitos entendidos por Saffioti, e as categorias que ela utiliza nestes textos, bem como uma análise do caminho e contextualização que ela faz. Pontuamos que, as análises contidas vão além dos conceitos mais relevantes da autora: Gênero, Patriarcado e Violência. A perspectiva adotada se baseia também em outras categorias em foco: Ceder *versus* Consentir; Mulheres Vítimas de Violência *versus* Mulheres em Condição de Violência; Violência Doméstica e Violência Intrafamiliar; Agressividade *versus* Violência, entre outras questões abordadas.

A metodologia deste enfoque se coloca relevante para linha de Estudos sobre Mulheres, pela necessidade de reflexões constantes sobre as condições de violências em que vivem cotidianamente. A compreensão da realidade e dos problemas sociais que envolvem essa temática, e os/as protagonistas envolvidos, exige uma demanda de construções teóricas firmadas e consolidadas que acompanhem e identifiquem as dinâmicas de possibilidades vividas por essas mulheres.

Palavras chaves: Violência de Gênero, Violência Intrafamiliar, Violência Doméstica

INTRODUÇÃO: UMA RÁPIDA PINCELADA SOBRE A VIDA DE SAFFIOTTI

*‘As mulheres são treinadas para sentir culpa.’
(SAFFIOTTI, 2004,p23)*

Nascida em Janeiro de 1934, obteve Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais da USP, em 1960. Também obteve Bacharelado em Direito em 1983, pela Universidade de Araraquara. Além de diversas publicações e orientações, recebeu vários prêmios de reconhecimento de seu trabalho como pesquisadora. Falecendo em Dezembro de 2010.

Conhecer a formação da autora é importante para entender a perspectiva de sua pesquisa: além de um embate contra o sistema capitalista e patriarcal, seu estudo sobre as relações entre o gênero, detém sua investigação sobre a condição de violência das mulheres na sociedade a partir da perspectiva dos Direitos Humanos. Para ela: ‘(...)’, *prefere-se trabalhar com o conceito de direitos humanos, entendendo-se por violência todo agenciamento capaz de violá-los.* (SAFFIOTTI, 2004, p76). Onde a partir da discussão sobre liberdade e democracia, na sociedade neoliberal em que vivemos, a mulher sofre múltiplas opressões de dominação e exploração.

Para Saffioti, as mulheres sofrem violências desde o início quando, na divisão sexual do trabalho social, através da organização dos grupos para atividades de subsistência, se dá as relações de poder construídas de forma desigual na história. Sendo esta desigualdade entre os sexos naturalizadas através dos discursos que reforçaram uma

‘convicção natural’ da dominação masculina, a autora identifica no homem, o principal agente que perpetua a violência contra as mulheres.

Para tal compreensão do fenômeno da violência dirigida contra a mulher, por ser mulher; Saffioti coloca primeiro que antes de sofrer a exploração de classe, pelo sistema capitalista; em justificativa de pertencer ao sexo feminino, sofre o poder do macho, pelo sistema patriarcal, que para a autora é anterior ao capitalismo.

Devido a isso, Saffioti reitera a importância de ponderar explicações de gênero, classe e raça/ etnia, para compreensão da situação de vulnerabilidade em que vivem as mulheres, e que contribuem para a reprodução de violências, sejam elas: psicológica, física, patrimonial, sexual e moral.

Faz-se necessário, mesmo que breve, podendo ser melhor discutido em outro momento, dentre as conceituações mais expressivas da autora, seguem os seguintes esclarecimentos abaixo sobre o que Saffioti (2004) entende por:

- Gênero que é ‘ (...) é a construção social do masculino e do feminino’. (p45)
- Patriarcado que ‘(...), é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens’. (p44)
- Violência: ‘Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral’. (p17)

Em seguida, introduziremos para a reflexão as contribuições dos textos, e principalmente as categorias analíticas, como ponto de enfoque que contribuirá melhor na compreensão do fato social da violência dirigida as mulheres.

1.DOS TEXTOS CONTATADOS...

‘A falocracia se assenta na violência. Pode-se, por conseguinte, afirmar: embora nem toda violência seja de gênero, todo machismo é violento.’ (SAFFIOTI, 1995, p83)

Dentre os trabalhos escritos por Saffioti, o mais antigo que temos se refere a sua tese para livre docência, sobre orientação de Florestan Fernandes, *A mulher na*

sociedade de classes: mito e realidade (1976). O trabalho mostra como através da história, as relações de gênero foram construídas em base a uma desigualdade naturalizada dos processos socioculturais vivenciados por homens e mulheres.

Devido essas desvantagens sociais legitimarem as discriminações dirigidas às mulheres; as violências perpetuadas se mantêm tanto pela habitualidade, como pelo desejo de controle estendido sobre o corpo, a alma e a consciência destas. Saffioti (1976) enfatiza, portanto, neste momento: ‘A par disso, contudo, é preciso que a sociedade se empenhe na eliminação de uma mentalidade habituada a promover a inferiorização de fato da mulher.’ (p83)

O outro trabalho data de 1987, intitulado: *O poder do macho*, traz uma perspectiva de como é construído socialmente o homem e a mulher na sociedade, e quais os lugares dados a cada um. Com uma linguagem bem acessível a qualquer público letrado, percebe-se um chamado aos jovens, e a descrição de sua potencialidade enquanto agente transformador, desenvolvendo sua capacidade crítica da realidade ao seu redor.

Neste trabalho, demonstra ainda como a naturalização dos processos socioculturais, constitui um caminho curto para legitimar a superioridade dos homens. Ressaltando como a construção social da supremacia do homem, exige a da subordinação da mulher. Ou seja, as relações entre os gêneros se revelam relações de poder, e no caso do sistema explorador/econômico e dominador/ político em que nos encontramos na atual década; significa compreender uma desigualdade hierárquica estruturante. Por isso, para Saffioti (1987), se justifica: ‘Parece clara a necessidade de um Direito desigual no tratamento de seres humanos socialmente desiguais, com o objetivo de eliminar, ou pelo menos reduzir as desigualdades.’ (p79)

Seguindo a ordem cronológica, em *Reminiscências, Releituras, Reconceituações...* (1992), publicado na *Revista Estudos Feministas*, ela coloca seu embate com Elizabeth Lobo, descrevendo suas discordâncias teóricas, em relação ao gênero e classe, na perspectiva do trabalho feminino, ou trabalho da mulher. Reconhecendo entretanto o trabalho de sua colega, ela crítica a posição precipitada da autora em relação as categorias binárias e dicotômicas que se excluem, em vez de se complementar; e também uma crítica aos essencialismos, que não atendem a diversidade da realidade prática.

Também em 1992, Saffioti tem um artigo publicado no livro organizado por COSTA e BRUSCHINI, intitulado *Uma questão de gênero*. Novamente ela invoca que na explicação das condições das mulheres deve envolver o fenômeno de exploração e de dominação. Ao rearticular gênero e classe social, aparece o primeiro vetor como dominação a partir do sexo, e o segundo como exploração, a partir do trabalho.

Dois anos depois (1994), publica um artigo e um Posfácio, num livro organizado em parceria com Monica Muñoz Vargas. No posfácio, ela continua disseminando suas idéias sobre a construção social do homem e da mulher, importando sobre a desnaturalização das relações entre os gêneros. E ainda, acrescenta:

‘Conceber gênero como uma relação entre sujeitos historicamente situados é fundamental para demarcar o campo de batalha e identificar o adversário. Nestas circunstâncias, o inimigo da mulher não é o homem nem enquanto indivíduo, nem como categoria social, embora seja personificado por ele. O alvo a atacar passa a ser, numa concepção relacional, o padrão dominante de relações de gênero. Diferentemente do que se pensa com frequência, o gênero não regula somente as relações entre homens e mulheres, mas normatiza também as relações homem-homem e relações mulher-mulher.’ (p275-276)

No artigo contido dentro desta organização, *Violência de Gênero no Brasil Contemporâneo*, Saffioti em sua caminhada de pesquisa apresenta uma pergunta, que é uma preocupação que norteia todos os trabalhos: ‘Como se podem caracterizar atos violentos sem resvalar pra a postura vitimista, sem conceber a mulher como passiva e, por via de consequência, incapaz de romper uma relação de violência?’ (1994, p153) Mesmo para as estudiosas da violência doméstica na atualidade, essa questão ainda esta em debate. O que se tem como alternativa a desmascaração dessa postura vitimista, é mostrar uma mulher que reage, que também agride, é ativa, e se instrumentaliza dos micropoderes engendrados na relação para poder negociar e permanecer na convivência.

Nesse mesmo ano, publica um outro artigo na *Revista Estudos Feministas*, com base na mesma pergunta formulada acima, preocupada com a vitimação das mulheres, que são infantilizadas pelos agentes públicos, como pessoas a serem tuteladas. Esse fator se torna perigoso, no que se refere no desenvolvimento de um trabalho de resgate da autonomia das mulheres envolvidas e de uma reeducação daquele que praticou atos de violência. Além de tudo, a pesquisadora identifica que a rotinização e habitualidade das ações violentas dirigidas as mulheres no ambiente doméstico e intrafamiliar,

procede a uma cronificação, uma intensificação e multiplicação das violências, bem como uma interiorização em quem sofre.

Com a publicação do livro *Violência de Gênero: Poder e Impotência*, de 1995, em parceria com Suely Souza de Almeida; Saffioti se supera em apresentar o caso de três mulheres que passaram pela experiência traumática da condição de viver em violência. Analisando enquanto socióloga, ela dá contribuições importantes no entendimento de cada caso, e identificação de pontos em comum, propiciando construção de alternativas para a autonomia dessas mulheres, na elaboração uma qualidade de vida para também com seus dependentes (no caso, os filhos/as).

Neste livro, as autoras pontuam a diferença entre Violência- quando dirigida a outro/a, seja qual for à intenção, se elabora uma ação que não permite reação-, e Agressividade – uma reação defensiva, necessária a sobrevivência natural, quanto social. E com isso, na relação entre dominador e dominado, que se configura como relações de poder simbólico, a compactuação de papéis desiguais entre ambos é tão forte, que a vítima também participa. Por isso, a necessidade de interferências externas para a quebra da relação, e uma reeducação necessária a ambos os sujeitos.

Em *Primórdios do Conceito de Gênero*, artigo publicado nos *Cadernos Pagu*, de 1999, a autora lamenta e justifica o porque não usou nem fez referência em seus trabalhos sobre a famosa obra de Simone de Beauvoir, *O segundo Sexo* (1963), elogiando e ressaltando sua repercussão na sociedade e também academia. Mas em vez disso, usou o texto de Betty Friedan, sobre *A mística feminina* (1971), que mais tarde se perceberam alguns trechos notáveis da obra de Beauvoir dentro da obra de Friedan, sem ser feita a devida referência.

Em *Já se mete a colher em briga de marido e mulher*, de 1999, constrói algumas referências encontradas em base nos dados empíricos, como inferências as características encontradas no seu trabalho de campo, que podem ser norteadoras na pesquisa sobre violência de gênero: necessidade de intervenção externa; mulheres negociam através de micropoderes; privilégio do masculino sobre o feminino; relação hierárquicas de gênero como estruturante das relações interpessoais; perigo quanto a patologização dos agressores; evidente co-dependência entre ambos; e a impotência dos homens diante das mulheres, sendo a violência meio utilizado para infringir controle e medo sobre estas.

No artigo de 2001, *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*, está presente a preocupação de se investir na mudança dos homens também, já que estes podem fazer novas vítimas. Não no sentido patológico, mas que para alguns, as relações de afeto em relação a uma companheira, é comum de ser permeada por violências. A postura de não ‘aceitar’ a vivência de relações violentas, deve partir tanto de homens, quanto de mulheres; pois a ambos se proporcionara melhor qualidade de vida.

Em 2004, com a publicação de outra obra importante para sua carreira, *Gênero, Patriarcado e Violência*; ela apresenta alguns dados que relatam o panorama das mulheres em condição de violência no Brasil e em outros países. Além de apresentar o que ela entende pelos conceitos trazidos a título em seu trabalho, ela traz outras categorias pela qual ela se faz compreensão da violência. Trabalhando com o sentimento de impotência do homem, em se reafirmar enquanto tal, em um ambiente onde ele não admite sua supremacia masculina ser contestada, se aproveitando da socialização da mulher para docilidade. Porque mesmo que sofre as violências, as mulheres reagem agressivamente, só que de forma defensiva, mas participam de forma a construir estratégias de se manterem na relação.

Neste trabalho percebemos também a indignação de Saffioti perante as injustiças que as mulheres sofrem, e durante a sua pesquisa ela tem a constatação de que as vítimas de violência ‘recebem um tratamento um tratamento de não-sujeito’ (2004, p79). Constatando que, quando vão à delegacia para registro do Boletim, além da situação fragilizadas e vulnerável que se encontram, muitas ainda sofrem ‘cantadas’ dos policiais. Saffioti sempre reitera que uma reorganização da ordem de gênero existente na nossa sociedade beneficiaria tanto as mulheres como os homens, pois a construção de relações construídas numa igualdade com respeito às diferenças, propiciaria a criação de seres humanos completos, com liberdade sobre sua maneira de se fazer enquanto pessoa, e de ser reconhecido/a com dignidade.

E por ultimo, em *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*, de 2009; Saffioti coloca a sua preocupação sobre a polissemia do conceito de gênero, na identificação das relações de desigualdade e discriminação que se fazem em ações de violência contra as mulheres. E termina, defendendo a ainda utilização do conceito de patriarcado, que consegue abarcar

em seu bojo as injustiças de um sistema de dominação-exploração justificado na naturalização da supremacia masculina nas categorias de gênero, raça/etnia e classe.

2.SOBRE OS CONCEITOS E CATEGORIAS: A RESPEITO DOS USOS NA ACADEMIA E REPERCUSSÕES NA REALIDADE PRÁTICA

‘No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. ’ (SAFFIOTI, 2001, p115)

A questão de invocar a reflexão sobre os usos dos conceitos e categorias se faz na preocupação de não se reforçar na prática de defesa das mulheres, os sexismo existentes na sociedade, tanto quanto na ciência. Para Saffioti, existe hoje o perigo das categorias analíticas usadas pelas estudiosas do gênero, serem utilizadas para agravar ainda mais a condição das mulheres. Muitas vezes, sem se conscientizarem sobre os usos da linguagem, e das nomeações; as próprias defensoras da igualdade das mulheres tem oferecido argumentos ao sistema capitalista patriarcal, para legitimação da dominação-exploração exercida sobre elas.

Por isso, a discussão apresentada aqui, serve também como construção de possibilidades da prática da pesquisa teórica e de campo sobre o fenômeno da violência que atingem as mulheres. Para tanto, apartir da própria Saffioti, trazemos sua preocupação com a criação dos conceitos e usos das categorias:

‘Ora, o conceito é fruto de um processo de análise e de síntese, através do qual se dissecar o fenômeno, na tentativa de compreendê-lo e dar-lhe um nome que contenha a qualidade e o grau desta compreensão. Enquanto o conceito pressupõe a utilização de um instrumental teórico que permita o entendimento do fenômeno, o pré-conceito nasce do jogo de interesses presentes na vida social, da defesa de privilégios, da correlação de forças político-sociais. É, portanto, não - científico, veiculando idéias falsas, ilegítimas, discriminatórias que, exatamente por apresentarem tais características, preservam posições de mando e também, é obvio, seus ocupantes.’ (1987, p28)

Em seu trabalho, percebemos a quebra de essencialismos, da discordância de não se usar categorias dicotômicas que representam oposição em vez de continuação; e a

viva indignação frente às condições díspares vividas pelas mulheres na contemporaneidade. Para ela, importava as determinações que continham a dinâmica da realidade em permanente mudança, da utilização de construções mentais que proporcionassem compreensão do fenômeno sem congelá-lo:

‘A uniformização do real sempre constituiu a meta dos que atribuem/atribuíam relevância exclusiva a determinações gerais ou comuns. Ao contrário, as determinações específicas ou históricas sempre foram à preocupação primordial dos que têm/tinham como meta a captação de uma realidade permanentemente *in flux*, em transformação.’ (2001, p133)

Saffiotti (1995) traz a diferença entre o consentimento e ceder, na compreensão de porque a mulher se submete e é submetida a relações violentas. Dizendo que a mulher tem a capacidade de discernir o que convém ou não, a norma heterossexual machista mascara a relação de desigualdade e inferioridade entre homem e mulher. A isso, a autora esclarece que a opressão social exercida sobre a mulher só lhe dá a alternativa de ceder, devido a sua inferioridade frente ao poder do macho dominador:

‘Efetivamente, há uma diferença qualitativa entre o consentimento e a cessão. O primeiro conceito está vinculado a idéia de contrato e presume que ambas as partes se situem no mesmo patamar de poder, ou seja, só podem consentir em algo ou estabelecer um contrato pessoas socialmente iguais. (...) O problema reside na mulher adulta. Esta é considerada capaz de discernir entre o que lhe convém e o que lhe desagrada/prejudica. Mas a consideração é feita apenas em termos de idade e em termos da igualdade formal entre homens e mulheres. Nunca se põe com clareza a inferioridade social da mulher frente ao homem. Assim, a mulher adulta é capaz de consentir. A rigor, contudo, o consentimento lhe escapa, só lhe restando a cessão. Ela cede aos desejos do marido, mas não consente na relação sexual, pois, neste caso, o consentimento só pode estar alicerçado no desejo.’ (p.31)

Saffiotti (1995, p30), faz também a distinção entre ‘vitimação’ e ‘vitimização’. Enquanto a primeira se repercute na esfera do que ela chama de *macropoder*; a segunda se restringe na esfera do *micropoder*. Ao falar das formas de violência interpessoal, ela pontua a necessidade de se ‘usar mulheres em condição de violência’ em vez de ‘mulheres vítimas de violência’. Sendo esse argumento justificado, porque a última colocação impõe o entendimento de que não há possibilidade de reação, e que já é algo dado sem possibilidade de mudança nas relações de gênero.

Reiterando que as mulheres têm reação, e que podem se emancipar já que são sujeitos portadores de consciência; alega que devemos fazer distinção entre ‘desigualdade permanentes’ e ‘desigualdade temporária’: ‘Mais do que isto, as probabilidades de mudança na desigualdade permanente são remotas, ao passo que a desigualdade temporária acaba se invertendo ao longo da vida.’ (p30) Essa desnaturalização dos processos socioculturais confere o potencial transformador das relações existentes na sociedade, dizendo que a cultura e a natureza estão em constante mudança devido a ação dos agentes sociais na história.

Em relação às diferenças de violências, é preciso distingui-las para poder tratar do fenômeno de forma adequada. Existe a categoria mais geral, a Violência de Gênero, onde as demais se sobrepõem e são recíprocas. Podemos colocar um esquema da seguinte maneira para entender as formas de violências que sofrem as mulheres:

1ª VIOLÊNCIA DE GÊNERO → 2ª VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR →

3ª VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

As mulheres sofrem a primeira forma de violência simplesmente por serem mulheres. Por fazerem parte do gênero, onde dentro deste sistema capitalista-patriarcal, a supremacia masculina tem legitimidade, diante da sua ‘superioridade natural’ de lhe impugnar ações violentas, diante de quaisquer ameaça que denote contestação de seu lugar e poder na hierarquia de gênero.

A segunda forma de violência está inserida dentro da primeira. Se refere a violência perpetuada pelos homens da família (por consangüinidade ou afinidade) sobre as mulheres, independentemente do espaço doméstico. O poder dos homens sobre as mulheres é simbólico, se estende além do território físico do corpo e do território privado do ambiente da casa; não precisando nem mesmo de sua presença física para lhe infringir controle e medo.

A violência doméstica é aquela perpetuada pelos homens da família. Direcionada às mulheres por serem mulheres. E que apartir de uma relação afetiva, acontece principalmente no ambiente da casa, no lugar onde os participantes moram; se

caracterizando pela rotinização e habitualidade. Para confirmar esta proposta, trazemos as palavras de Saffioti:

‘Não há maiores dificuldades em se compreender a violência familiar, ou seja, a que envolve membros de uma mesma família extensa ou nuclear, levando-se em conta a consangüinidade e a afinidade. Compreendida na *violência de gênero*, a *violência familiar* pode ocorrer no interior do domicílio ou for dele, embora seja mais freqüente o primeiro caso. A violência intrafamiliar extrapola os limites domicílio.’ (2004, p71)

Saffioti distingue o conceito de Dominação (Max Weber) do conceito de Poder (Michel Foucault). Optando para uso nesta linha de estudo, a segunda categoria, justificando que: ‘Enquanto a primeira conta com a aquiescência dos dominados, o poder dispensa-a, podendo mesmo ser exercido contra a vontade dos subordinados.’ (2009, p21).

Com certo pesar, Saffioti ironiza que a família e os conhecidos mais próximos as mulheres, que deveriam oferecer proteção, representam ao contrario, maior perigo de risco de vida do que as pessoas estranhas; que na maioria das vezes a reconhecem como sujeito de direito. Por isso, num contrato entre desiguais, o que realmente configura a relação entre homens e mulheres, a troca de proteção e serviços sexuais se dá pela de obediência; ou seja, a socialização se dá através da tutela:

‘De alguma forma, os filhos participam das relações violentas: ou diretamente como vítimas do pai e/ou mãe (mulher também é atacada pela síndrome do pequeno poder) ou presenciando cenas ou, ainda, tomando o partido de um dos litigantes. Não pode haver melhor escola de violência. E, em termos de relações cronificadas de violência, a família oferece os melhores cursos que o espaço público.’ (Saffioti, 1994, p.458)

Para a autora, a violência de gênero não tem fronteiras culturais, de classe, de raça, ela perpassa todos os estratos sociais, é algo democrático. Em face da disseminação ideológica de preservação das famílias, as relações violentas vêm repercutindo historicamente através das gerações, através da educação dos meninos para uma socialização agressiva, e uma domesticação das meninas para a docilidade.

Sendo assim, identificamos que o processo de adestramento, da ação de ‘tornar-se mulher’ (Beauvoir), é realizado no aperfeiçoamento cotidiano sutil das violências, de modo a não perceber a perda de autonomia e liberdades; através da interiorização das

normas dominantes. Percebidas no momento em que na ação das mulheres, elas se demonstram submissas por ‘vontade própria’, ou seja, sem imposição.

3. CONSIDERAÇÕES: SIGNIFICADOS DAS NOMEAÇÕES E PERSPECTIVAS

‘Como a língua é um fenômeno social, e, portanto, sujeito permanentemente a mudanças, é interessante criar novas palavras, que expurquem o sexismo.’ (SAFFIOTI, 2004, p48)

As representações sociais trazidas pela ação das nomeações na realidade prática têm repercussões importantes na elaboração de políticas públicas de enfrentamento a violência de gênero, intrafamiliar e doméstica. Sem contar, as mudanças na articulação de reivindicações de direitos pelos movimentos sociais de mulheres e movimentos sociais feministas.

No bojo dessas representações trazem os sentidos construídos dentre os vários agentes sociais e públicos envolvidos, e por tanto, a isso se infere a importância do exame conceitual para compreensão da violência dirigida as mulheres.

Três considerações relevantes se fazem aqui, mediante os apontamentos da autora no sentido de proporcionar ações para melhor enfrentamento e diagnóstico:

1) Necessidade de ‘uma educação não-sexista’ (SAFFIOTI, 1994, p.182): é inexpressiva por vezes as ações de mecanismo legais no enfrentamento a violência; sendo mais notória a disseminação de uma socialização mais igualitária, fundamentada no respeito ao outro, independente do sexo.

2) ‘As categorias de gênero não apresentam homogeneidade interna’ (SAFFIOTI, 1994, p.452): ou seja, devem ter um equilíbrio ‘instável’, para poderem compreender uma sociedade que por vezes se mostra incoerente em suas ações sociais;

3) ‘Pontua-se que uma verdadeira política de combate a violencia domestica exige que se opera em rede, com a colaboração de diferentes áreas (....)’ (SAFFIOTI, 2004, p91)

Considera que a humanização do homem, também é necessária juntamente com a da mulher; já que o gênero é relacional, um não se faz sem outro. Por isso, no estudo

das condições das mulheres, para a defesa de uma socialização subversiva e empoderadora que beneficie ambos os sexos, tanto os homens como as mulheres devem ser incluídos:

‘Com efeito, se as mulheres precisam dos feministas homens para levar esta luta, a bom termo e mais celeremente, da construção de uma sociedade menos desigual e menos iníqua, é prudente que se inicie logo a interlocução entre as categorias sociais de sexo. A construção coletiva de um projeto, mais que a individual, necessita de permanente diálogo, a fim de construir a teoria que orienta a práxis. Melhor dizendo, construir de modo praticamente simultâneo a teoria e a prática não é tão-somente uma obra coletiva, é uma obra para mais de uma geração. Obviamente, não se espera o milagre do eterno e permanente consenso (...)’. (2009,p2)

E por ultimo, é importante considerar que em todos os trabalhos em mãos, as leituras indicam a defesa ardilosa e permanente da autora até o fim de sua carreira do conceito de patriarcado. Enquanto tal, este aqui é retomado para se entender a perspectiva teórica da autora, e sua postura frente a construção de conceitos e usos de categorias que são fundamentais para aqueles/as que desejam encaminhar pesquisas no intuito de compreender a violência perpetuadas contra as mulheres; e alavancar novas forças para o enfrentamento e aplicabilidade regulamentada das ações dos agentes públicos para uma interferência externa eficaz.

“Estávamos habitadas pelo medo. É terrível quando o medo se instala e vive nas pessoas. E algo que paralisa e que se retroalimenta” p73

“Porrada dói: é com as mão, com o cinto, com o que for que estiver a jeito: ela nunca levou com nada disso (e, se calhar, foi o que lhe faltou: levar naqueles dentes, para agora não querer morder a mão que lhe deu de comer).”p97

(CRUZ, Afonso; VIEIRA, Alice; FIGUEIRA, Antònio; SUÀREZ, Karla; HORTA, Maria Tereza; REIS, Patrícia. *Isto não é um conto: Histórias de Violência baseadas na vida de seis mulheres*. Associação Link: Finepaper. Lisboa, Portugal. Setembro de 2012.)

5. Referências Bibliográficas

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Prefacio de Antonio Candido de Mello e Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. SP: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Reminiscências, Releituras, Reconceituações. In: *Revista Estudos Feministas*, n 0, pp97-103,1992.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*.RJ: Rosa dos Tempos; SP: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Posfácio: Conceituando o Gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B e VARGAS. Monica. Muñoz (org.). *Mulher Brasileira é Assim*. Brasília: Rosa dos Tempos/ NIPAS- UNICEF.1994.

_____. Violência de Gênero no Brasil Contemporâneo. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B e VARGAS. Monica. Muñoz (org.). *Mulher Brasileira é Assim*. Brasília: Rosa dos Tempos/ NIPAS- UNICEF.1994.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de Gênero no Brasil atual. In: *Revista Estudos Feministas*. Ano2, 2º Semestre, pp443-461,1994.

SAFFIOTI, Heleieth I. B; ALMEIDA, Suely Souza de. *Violência de Gênero: Poder e Impotência*. RJ: Revinter, 1995

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Primórdios do Conceito de Gênero. In: *Cadernos Pagu*, n12, p157-163,1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, n13, v4, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*,v0, n16,pp115-136. 2001

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, Patriarcado e Violência*. SP: Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. In: *Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais- FLACSO: Brasil*, Junho de 2009.